

Palavra escrita e produção de textos em Ikpeng (Karíb): uma reflexão sobre a origem e o estatuto da escrita em uma sociedade de tradição oral

Frantomé B. Pacheco

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo - frantome@uol.com.br¹

Abstract. This work aims to present some considerations on the origins of writing in Ikpeng, the criteria for defining writing units and text production. We also present some considerations on the functions of writing in traditional indigenous languages in contact situations involving Brazilian Portuguese.

Keywords. Ikpeng/Txikão; oral tradition; written word.

Resumo. O trabalho visa apresentar algumas considerações sobre a origem da escrita Ikpeng, sobre os critérios de definição das unidades da escrita e sobre a produção textual na língua. Discutem-se as funções da escrita e da oralidade diante das situações de contato entre os Ikpeng e os não-índios.

Palavras-chave. Ikpeng/Txikão; tradição oral; palavra escrita.

0. Introdução

Pretendemos, neste trabalho, realizar uma reflexão não apenas sobre o processo de criação e desenvolvimento de sistemas de escrita em sociedades de tradição oral, mas sobre o papel da escrita das línguas indígenas na "construção" de um ensino bilíngüe-bicultural, em especial na constituição de um currículo diferenciado para as escolas indígenas, bem como analisar seu papel no fortalecimento identitário do grupo diante do constante contato com os não-índios e suas instituições.

O trabalho está assim dividido: na seção 1, é apresentado um breve histórico do contato dos Ikpeng com os não-índios e suas instituições; na seção 2, as motivações para a criação de um sistema de escrita, quais critérios lingüísticos foram empregados na determinação das unidades da escrita e quais os estágios para a implantação desse sistema; na seção 3, serão apresentadas as funções assumidas pela escrita ao ser largamente usada na escola da aldeia, principalmente ao serem definidas as regras para a escrita de textos na língua; na seção 4, mostraremos, diante do quadro de bilingüismo encontrado na comunidade Ikpeng, a importância da língua escrita para a valorização do Ikpeng e para o fortalecimento identitário, principalmente entre os mais jovens. Diante desse quadro, serão apontadas questões relacionadas ao futuro da língua indígena escrita diante das funções sociais e políticas que pode assumir nas situações de contato entre a comunidade e as instituições que não pertencem tradicionalmente ao seu universo sócio-cultural (ONGs, FUNAI, Secretarias de Educação, Distritos de Saúde, entre outras). Os autores que fundamentarão nossas reflexões são Chafe (1994), Chafe & Tannen (1987), Coulmas (1989), Fasold (1984), Goody (1987), Romaine (1989), Sampson (1996), Silverstein (1998) e Ong (1998), entre outros.

1. Breve histórico do contato e situação atual dos Ikpeng

Os Ikpeng foram contactados no dia 19 de outubro de 1964 pelos irmãos Orlando e Cláudio Villas-Bôas, após várias tentativas de aproximação. Sua aldeia estava localizada nas proximidades do rio Ronuro, a uma distância estimada de 100km de distância do Posto Leonardo. Depois do contato, os Ikpeng foram transferidos para o Parque Xingu em 1967, permanecendo nos arredores do Posto Indígena Leonardo, próximo aos seus antigos inimigos². Segundo Menget (2001), o número de Ikpeng que desembarcaram no Leonardo era de 56 pessoas. Em 1972, a população Ikpeng era de 62 pessoas, sendo 37 homens e 25 mulheres (Menget, 2001). Atualmente, os Ikpeng residem nas proximidades do Posto Pavuru, que foi criado para atender a eles e demais comunidades médio-xinguanas, e são aproximadamente trezentas e cinquenta pessoas, incluindo as pertencentes a outras etnias (como kayabí, trumái, kamaiurá, suyá e waurá), que residem entre os Ikpeng devido a casamento com membros da comunidade.

Segundo o que observamos e segundo informações fornecidas pelos professores da aldeia, o bilingüismo está relacionado, principalmente, a dois fatores: sexo e idade. Assim, a maioria dos mais velhos (de mais de 50 anos) entendem, mas falam pouco o português; os adultos (entre 30 e 50 anos) entendem e falam razoavelmente o português; os jovens (entre 20 e 30), entendem e falam bem o português, apesar do acento; os adolescentes (entre 12 e 20) entendem e falam bem o português, com acento muito fraco; as crianças (tanto meninos como meninas) entendem e falam o português muito bem, quase sem acento após (mais ou menos) os quatro anos. As mulheres adultas (acima de 30), apesar de compreenderem bem o português, não o usam na interação com os brancos. Abaixo dessa idade, as mulheres compreendem e se expressam bem em português, mas evitam falar a língua com os não-índios.

2. Motivações para o surgimento da escrita

O primeiro curso de formação de professores indígenas do Parque Xingu, organizado pela Associação Vida e Ambiente (AVA), posteriormente incorporada ao Instituto Socioambiental (ISA), ocorreu em fevereiro de 1994. Durante o curso, a Prof. Lucy Seki (IEL/UNICAMP), reunida com os professores vindos das diversas aldeias do Parque, organizou um sistema de grafemas para cada língua, baseando-se em estudos fonológicos já realizados, o que foi sendo aperfeiçoado no decorrer desse e de outros cursos. A partir do segundo curso, realizado em outubro de 1994, eu e Cilene Campetela, alunos de Mestrado na época, começamos a trabalhar na formação dos professores Ikpeng, prestando assessoria à AVA e depois ao ISA até meados de 2000. A função dos assessores era aperfeiçoar o sistema de representação escrita, já em uso a partir do primeiro curso, coordenar a elaboração de materiais didáticos nas línguas dos grupos e refletir sobre os processos de produção escrita e alfabetização em primeira língua, ou seja, em suas línguas tradicionais. Como havia várias etnias participando dos cursos de formação, cada uma delas, excetuando-se uma ou outra, contava com um lingüista trabalhando diretamente com a língua falada pelo grupo, situação que perdurou até 1999. Como, no entanto, as regras da escrita da língua de cada grupo estava seguindo o esperado, os professores, com a assessoria de funcionários do ISA e, em situações isoladas, com o apoio de lingüistas que continuaram mantendo contato com as comunidades, consolidaram um sistema de representação escrita para suas línguas,

repassaram o que haviam aprendido nos cursos a outros falantes (alunos da escola) e continuaram produzindo materiais que foram publicados em diversos períodos.

Como trabalhamos diretamente com os Ikpeng, descreverei o processo de criação e consolidação do sistema de representação escrita para essa língua. Destaco os seguintes aspectos (ou fases):

a) o tipo de escrita escolhida é a mais conhecida e acessível ao grupo e à comunidade externa: a alfabética. Cada fonema, ou som com propriedades distintivas, é representado por um grafema (letra do alfabeto latino), que são divididos em dois grupos, as vogais e as consoantes (cf. tabela 1)³. Note-se que, para não tornar a escrita muito abstrata, como ocorreu com algumas grafias no passado, dificultando seu controle por parte dos falantes, ela pode ser considerada fonológico-articulatória e não impede que os alofones dos fonemas sejam representados;

b) a unidade escolhida para servir de base para a representação escrita é a palavra, entendida aqui como uma unidade pertencente ao léxico ou vocabulário da língua. Não se distinguem, a princípio, as palavras lexicais das funcionais, sendo estas muitas vezes escritas junto com outras, consideradas seus hospedeiros, dependendo do acento e do número de sílaba (por exemplo, a partícula *man*: *karang man* ~ *karanangman* [karanan̄'man] 'Eu já estou indo embora');

c) a escrita da palavra é baseada na pronúncia pausada, quase silabada. Para fins de alfabetização, são escolhidas uma ou mais palavras para representar o emprego de um grafema (por ex. <atkun> 'milho' indica o emprego do grafema <a>; <petkom> 'mulher', o de <p>). A sílaba, nesse contexto, é secundária, apesar de ser necessária sua postulação nos casos ambíguos, como os das semi-consoantes <w> e <y>;

d) a cada palavra é providenciado um contexto lingüístico maior, em geral uma sentença. Por exemplo *Tumok nen atkun* 'Milho é gostoso'; *Karake oren petkom* 'Essa mulher é bonita';

e) em sentenças e textos, as palavras são separadas por espaços, sendo os limites ortográficos entre elas um dos aspectos mais interessantes para discussão com os professores, pois geram divergências quanto ao seu estatuto de palavra escrita (sobre isso, cf. Campetela 2002).

Tabela de grafemas e seus correspondentes no inventário da IPA

GRAFEMAS		CORRELATO DO IPA		TRADUÇÃO
< p >	<i>petkom</i>	[p]	[pet'kom]	'mulher'
< t >	<i>tæ</i>	[t]	[t'æ]	'macaco'
< k >	<i>kuto</i>	[k]	[ku'to]	'sapo'
< g >	<i>gegi</i>	[g]	[gɛ'gi]	'meu animal de estimação'
< tx >	<i>txitxi</i>	[tʃ]	[tʃi'tʃi]	'sol'
< m >	<i>muy</i>	[m]	[muj]	'canoa'
< n >	<i>nuno</i>	[n]	[nu'nɔ]	'lua'
< ng >	<i>arayngmo</i>	[ŋ]	[arajŋ'mɔ]	'minhoca'
< r >	<i>rere</i>	[r]	[rɛ'rɛ]	'morcego'
< l >	<i>luli</i>	[l]	[lu'li]	'bodó pequeno' (peixe)

< w >	<i>wayo</i>	[w]	[wa'jɔ]	'cuia'
< y >	<i>yay</i>	[j]	[ʼjai]	'árvore'
< a >	<i>atkun</i>	[a]	[at'kun]	'milho'
< e >	<i>egepak</i>	[e]	[ɛgɛ'pak]	'tucunaré'
< o >	<i>opo</i>	[o]	[ɔ'pɔ]	'borduna'
< i >	<i>ipiya</i>	[i]	[ipi'ja]	'castanha'
< i >	<i>inot</i>	[i]	[i'not]	'pequi'
< u >	<i>ugwon</i>	[u]	[u'gʷon]	'homem'

3. A produção de textos Ikpeng e as funções da escrita em uma sociedade de tradição oral

Desde o primeiro momento, a escrita foi pensada como uma atividade de produção de texto, tomando como base para a sua aprendizagem a representação escrita da palavra, entendida como a unidade básica da língua. Como o Ikpeng não é uma língua polissintética, apesar de haver casos em que isso pode ser questionado, as palavras lexicais representam geralmente um conceito unitário e se referem a um evento ou entidade singular. Mas isso não funciona para todas as palavras lexicais, como podemos observar nas expressões nominais compostas (como *orem yukuni* 'puxadora de canto'; *petkom arogri* 'cocar de mulher') e nos verbos complexos.⁴

Quando falamos de produção de textos, devemos estar atentos para as diversas categorias ou gêneros textuais que existem em Ikpeng e nas demais línguas naturais. Algumas poucas palavras precisam ser ditas com relação a esse tema:

i) os tipos textuais não aparecem de forma homogênea na produção textual, havendo mesclas dos diversos tipos num único segmento;

ii) os textos podem ser formalmente delimitados, mas do ponto de vista funcional ou comunicacional essas fronteiras são tênues e precisam ser vistas dentro do contexto discursivo-interacional e cultural;

iii) há limites funcionais para a mesclagem de gêneros textuais, demarcados pela função do texto e pelos efeitos discursivos desejados;

iv) dependendo do tipo de situação, espera-se um tipo de texto ou tipos que se mesclam para alcançar o objetivo ou intenção desejada. Na produção escolar, encontram-se mais textos narrativos, na forma de relatos, e menos textos mitológicos ou diálogos. Podemos afirmar que os do primeiro tipo são mais neutros em relação ao contexto sócio-interacional ou ao contexto sócio-cultural global, requerido geralmente pelas narrativas míticas.

Assim, os relatos são os tipos textuais mais encontrados na produção escrita da língua por necessitarem menos de interação face a face, pouco comum na modalidade escrita. Observem-se alguns exemplos⁵:

(1) *WOT MOTOPA WARAP*

Nen paraktxi tximna ayngkut wot.

Wot tximna tĩmtup.

Itĩng tximna ayngkurup tximna eganoptxan patxi waraktxi.

Kerup tximna amnoptxan. (Maiuá Ikpeng)

"O peixe está dentro da cesta.

Dentro dessa cesta nós pegamos peixe quando nós batemos timbó.

Quando nós pegamos muito, nós vamos colocar dentro da rede.

Depois nós vamos moquear." (Ikpeng orempanpot, p. 40)

(2) *ĪRĪKENI OTXIT GANAPTAKO*

Erangron egaktetkelingmo owro warantup uktamru ningkin irinkeni ungnó.

*Enentipra itowoge erangitkelingmo man irinkeni ungnó*⁶. (Kumaré)

"Avião sobre a aldeia.

Antigamente nossos avós saíram de casa com medo de avião.

Eles não conheciam o avião, por isso ficaram com medo."

(Ikpeng orempanpot, p. 86)

3.1. Representação escrita da literatura, do saber e da história oral Ikpeng

Uma das funções atribuídas à escrita pelos Ikpeng é a representação escrita das narrativas (literatura oral), das técnicas e dos costumes tradicionais. O trabalho de transcrição das narrativas orais, desenvolvido pelos professores, dá-se da seguinte forma: primeiramente, os professores gravam a narrativa feita por um dos mais velhos; em seguida, um dos professores o transcreve, empregando a grafia já estabelecida; após a transcrição, a história é submetida ao contador, que aprova ou não o que está escrito, isto é, foi lido para ele; finalmente, é feita uma tradução livre para o português. Como resultado, foi elaborado um material contendo várias narrativas tradicionais Ikpeng, em elaboração pelo ISA. Abaixo, reproduzo o início da história de "Onon", que deu o fogo aos Ikpeng:

(3) Trecho da história de Onon

a) *Atxiwĩnpe kuramlĩ erangron, atxiwĩnpe.*

Txitxi ge man kuraktatkelĩ ugumi ungnó, ugumi wot, ugugrun tariwe, ugugri pitxa, tariwe egutpin.

b) *Atxiwĩnpe kuramlĩ. Mantan etpamtatkelingmo man Wonka, Paranka keni ningking.*

c) *Wonka gankanpe ugun man ugulogon onon, yeru? Paranka murenpe ugun.*

Wonka ge timreyumke imo Paranka, Paranka ge timuyeng imo man Wonka man imrongmo. (Narrador: Oporiké Ikpeng)

a) "Não tinha fogo, faz tempo não tinha (=ficamos sem) fogo.

Com a quentura do sol comíamos nossos peixes, bicho, nosso mingau, nosso beiju, nosso mingau, caldo de mandioca"

b) "Ficamos sem fogo. Mas nasceram Wonka e Paranka"

c) "O filho de Wonka, ele Onon. E a mãe? Era Paranka.

Wonka era casado com Paranka e Paranka era casada com Wonka.

Foi assim [que aconteceu]" (Tradução e transcrição de Maiuá Ikpeng)

Entre as questões que podem ser levantadas quanto a prática escrita, estão:

a) como representar categorias próprias da língua oral e das narrativas tradicionais como as onomatopéias, repetições e outros fenômenos prosódicos, como duração, pausa, ênfase estilística;

b) como preservar o estilo (forma gramatical, lexical e textual específicas) dessas histórias na sua versão escrita;

c) como manter a estreita relação entre o que é dito (o texto oral) e quem diz (o autor, o contador de histórias);

d) como evitar a cristalização do mito, criando uma versão escrita "definitiva", representativa daquele mito, tirando dele, assim, sua função de transmissor dos valores do grupo, constantemente atualizados;

e) como apresentar aos não-índios as histórias tradicionais, se o grupo assim decidir, de forma a tornar os Ikpeng mais conhecidos e conseguirem apoio financeiro para seus projetos de auto-sustentação.

3.2. Representação escrita dos conhecimentos tradicionais e dos novos conhecimentos advindos do contato

Uma outra função que a escrita Ikpeng vem desempenhando é a representação escrita do saber tradicional, como se pode ver no texto procedural (em (4)), e a representação escrita de novos conhecimentos, como os textos sobre saúde escritos na língua (cf. texto em (5))⁷:

(4) OPO

Piringop nole motxiket irwaktxi. Motxiketpoto menen man ototo menentup mangkotxan ototo, mankotup mankotatket man, mankotatkerup mawit man etputketporoge tingtarat tingtarat man metputkerup mamtepton man mamteptonup txukpin manuntxan, manumtup maneptxan oxtitaktxi meneptup mawit man ipketporoge, imangatpanporoge yokpetket poroge piringop nole miprumit, iwok merepan man myapinpan man mamtepton man mamtentontup merut man tupi ina. (Iokoré Ikpeng)

"Borduna - Primeiro você vai no mato, você fica caçando, aí você encontra tucum, aí você começa a derrubar e rachar, assim que você termina de rachar, você faz corda para carregar, quando você traz para sua aldeia, aí que você começa fazer, arruma, coloca corda amarra e coloca enfeite nele. Quando você termina de fazer, aí que você vende para o branco; aí quando compra as coisas do branco, você usa as coisas do branco."

(5) Trecho do texto: MİRİTKO IWAMTOWO

a) *Akerek iwamtxi: piringopnole otximunke miritko gagwaktxi pikenigwaktxi, otximunkerup arawitman arakponporoge miritko man iwamtixan.*

b) *Piringopnole etxi imu, mitxangpe, rapangpe, tiwanpyam.*

c) *Tiwanpyam itup arawitman aworet poroge miritkop man arakponman miritko, wawuru terutkeni.*

"Aumento do mosquito."

a) "Assim ele aparece. Primeiro mosquito bota ovo na água parada.

Quando bota ovo, os mosquitos começam a crescer e assim ele aparece."

b) "Primeiro fica ovo, depois larva, depois ninfa e (finalmente) mosquito.

c) "Quando cresce cria asas e começa a voar.

É dessa forma que o mosquito cresce e vira transmissor de doença."

A partir da análise dos textos que veiculam novos conhecimentos, apresentamos as seguintes questões:

a) não há certeza de que os conceitos veiculados pelos termos "traduzidos" para o Ikpeng, significam para seus falantes o que significam para os não-índios, especialmente para os especialistas (médicos, enfermeiros e dentistas);

b) a adaptação desses conhecimentos deve ser culturalmente guiada e as informações sobre saúde, como as formas de prevenção de doenças, devem partilhar traços de categorias encontradas no sistema de crenças do grupo (como eles pensam a concepção, o nascimento, o desenvolvimento da pessoa, as doenças, a morte, o pós-morte e a relação entre os vivos e o mundo sobrenatural);

c) deve haver participação não apenas dos agentes de saúde e dos professores da aldeia, mas dos pajés, quando os mais velhos acharem conveniente essa participação. Note-se que o repasse do conhecimento dos pajés para os não-iniciados pode não ser permitido, pois pode causar problemas para os que não conhecem esse conhecimento especializado.

Acrescente-se que muitas outras questões foram certamente deixadas de lado com relação a esse tema. Para mais detalhes sobre a visão de mundo dos Ikpeng, a partir de uma perspectiva antropológica, consultar Menget (2001).

4. Bilingüismo Ikpeng-português e o futuro da língua tradicional das minorias étnicas: alguns comentários

A necessidade de criar uma representação escrita para as línguas indígenas surgiu de várias situações que envolvem diretamente o contato com os não-índios e suas instituições. Algumas delas são:

a) contato com uma sociedade que emprega largamente a língua escrita como forma de representação lingüística;

b) exigência de ensino da primeira língua, quando ela é uma língua não-oficial, advinda das leis e da constituição do país;

c) registro da língua para a sua preservação, diante do iminente risco de desaparecimento;

d) fortalecimento da identidade étnica, pois ter a língua tradicional do grupo na forma escrita é garantia de igualdade de condições para a sua manutenção diante da língua majoritária.

Diferentemente do que muitos pensam, essas necessidades não foram criadas por pessoas ligadas ao meio acadêmico ou a ONGs, fato que parece estar no discurso de muitas lideranças quando lingüistas, representantes de ONGs e funcionários do governo discutem esse tema com representantes das comunidades. Sobre esse aspecto, consultar Seki (1993), D'Angelis & Veiga (1997) e Emiri & Montserrat (1989).

O futuro das línguas indígenas e de sua representação escrita está associada à consideração dos seguintes fatores:

i) quais funções a escrita assume no seu uso, não apenas na escola, mas no cotidiano do grupo (entretenimento, comunicação à distância, documentação, burocracia, entre outras)

ii) a padronização lingüística, o que levaria à escolha de uma variante para ser representada na escrita (nesse caso, ela envolveria a padronização em diversos níveis: lexical, gramatical e textual, além de normas para apresentação do texto grafado e da pontuação);

iii) a expressão artística, que resultaria numa literatura escrita na língua, implicando, nesse caso, uma mudança de foco funcional, pois o escritor, como indivíduo, passaria a ter controle sobre uma prática tradicionalmente coletiva, relacionada à função de contar histórias e repassar os conhecimentos tradicionais, desempenhada por determinadas pessoas da comunidade, como o contador de histórias, os cantadores e os pajés;

iv) o reconhecimento oficial, o que já ocorre na prática; no entanto, falta uma política que implemente a publicação de materiais escritos na língua;

v) a produção de material audio-visual, o que já vem sendo feito e precisa de incentivo para continuar.

A isso, deve-se somar a divulgação, nos meios de comunicação e nas cidades próximas ao Parque, do material produzido por esses novos meios, do que é produzido tradicionalmente pelo grupo (artesanato) e de seus eventos culturais, caso decidam apresentá-los aos não-Ikpeng. Observe-se que isso já ocorre de forma sistemática ou não entre os Ikpeng e entre as demais etnias do Parque Xingu, que recebem visitantes para as suas festas e fazem viagens para divulgar a sua cultura entre os não-índios.

Fazemos, aqui, algumas considerações sobre a importância da língua e demais formas de expressão tradicionais para o fortalecimento, manutenção e sobrevivência dos valores culturais acumulados durante gerações diante das situações que envolvem o contato dos Ikpeng com os não-índios e suas instituições. Deve-se pensar em estratégias para fortalecer ao máximo as práticas identitárias do grupo (realização de festas e cerimônias, emprego da língua nas reuniões, uso da língua escrita para documentar decisões, incentivo ao ato de contar as histórias tradicionais). A língua deve disputar o espaço ocupado pelo português na comunidade e na escola. Nesse contexto, a língua escrita do grupo deve desempenhar, quando possível, as mesmas funções da escrita do português. Oralmente, a língua do grupo deve ser falada, inclusive com os não-índios, de forma a conquistar mais defensores do grupo. Deve-se pensar estratégias para que a comunidade se torne mais visível, conhecida regional e nacionalmente, conseguindo, conseqüentemente, mais apoio político e financeiro. Com os recursos financeiros adequados, o grupo poderá por em prática seus projetos de auto-sustentação, dependendo menos da ajuda oficial, que vem decrescendo nos últimos anos.

Nesse quadro, a língua é o instrumento mais forte de identificação e luta das comunidades indígenas, pois por fazer parte do indivíduo (nós somos o que falamos) e identificar sua origem (fazemos parte da comunidade que fala nossa língua), ela torna a pessoa um agente que leva a comunidade consigo, representando o coletivo do qual faz parte. Esse fato deve sempre ser discutido com as lideranças e representantes escolhidos por elas, pois o fortalecimento político das comunidades está ligado ao tipo de atitude

assumida por esses representantes, que devem defender os interesses do seu grupo nos contextos que envolvam o contato com os não-índios e suas instituições.

5. Conclusão

Com este trabalho, procuramos mostrar como se deu o surgimento da representação escrita em Ikpeng, os passos aí envolvidos e os critérios empregados para a representação das unidades da escrita. Fizemos algumas considerações sobre as funções da escrita na sociedade Ikpeng e como se dá a produção de textos na língua, que envolve a produção de relatos escritos, de conhecimentos tradicionais e a representação escrita de conhecimentos novos, advindos do contato com os não-índios. Discutiram-se algumas questões sobre a transcrição de textos orais tradicionais, empregando-se o sistema de escrita já utilizado para escrever a língua. Finalmente, tecemos alguns comentários sobre o futuro da língua escrita e da importância da língua e de outras formas tradicionais de expressão para a manutenção da coesão social dos Ikpeng. Essas práticas certamente contribuem para o fortalecimento da identidade étnica e para a sobrevivência do grupo nas relações de contato, que se, não forem realizadas de forma a respeitar as diferenças culturais, podem provocar uma irreversível perda de valores importantes para a manutenção e continuidade das tradições do grupo.

Referências

- CAMPETELA, C. *Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng*. Campinas: UNICAMP, 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. *Aspectos prosódicos da língua Ikpeng*. Campinas: UNICAMP, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- CHAFE, W. L. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____. & D. TANNEN. The relation between written and spoken language. *Annual Review of Anthropology*, 16: 383-407, 1987.
- COULMAS, F. *The writing systems of the world*. Oxford: Blackwell, 1989.
- D'ANGELIS, W. & J. VEIGA (org.) *Leitura e escrita em sociedades indígenas*. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1997.
- EMMERICH, C. *Fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise*. Lingüística X. Rio: Museu Nacional/UFRJ, 1980.
- EMIRI, L. & R. MONTSERRAT. (org.) *A conquista da escrita: encontros de educação indígena*. São Paulo: OPAN/Iluminuras, 1989.
- FASOLD, R. *The sociolinguistics of society: introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 1984.
- GOODY, J. *The interface between the oral and the written*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- LYONS, J. *Linguistic semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

- MENGET, P. *Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txikão do Alto Xingu*. Trad. de Gonçalo Praça. Lisboa: Assírio & Alvim/Museu Nacional de Etnologia, 2001. Original francês.
- ONG, W. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas: Papyrus, 1998.
- PACHECO, F. B. *Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)*. Campinas: UNICAMP, 1997. 145 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. *Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2001. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- ROMAINE, S. *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- SAMPSON, G. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996.
- SEKI, Lucy (org.) *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Unicamp, 1983.
- SILVERSTEIN, M. Contemporary transformations of local communities. *Annual Review of Anthropology* 27: 401-426, 1998.
- SIMÕES, M. F. Os Txikão e outras tribos marginais do alto Xingu. *Revista do Museu Paulista*, XIV: 76-101, 1963.

¹ A pesquisa que resultou neste artigo foi financiada pela FAPESP que me concedeu uma bolsa de Pós-Doutorado entre março de 2002 e março de 2005. Atualmente, continuo vinculado ao DLCV-FFLCH-USP, como pesquisador de Pós-Doutorado, desenvolvendo uma pesquisa sobre a gramática Ikpeng.

² Segundo Simões (1963) e Menget (2001) os Ikpeng viviam em guerra com os grupos alto-xinguanos, o que demonstra a difícil aproximação no período de transferência para o Parque.

³ Sobre a fonologia da língua Ikpeng, cf. Emmerich (1980), Campetela (1997 e 2002) e Pacheco (1997 e 2001).

⁴ O que em português é expresso através de formas verbais independentes, como o causativo 'fazer', em Ikpeng é expresso através de formas presas (sufixos). O mesmo ocorre com o reflexivo e com o desiderativo (cf. Pacheco, 2001). Observem-se os exemplos abaixo (Note-se: 1=primeira pessoa; 3=terceira pessoa; A=sujeito transitivo; Caus=cusativo; Des=desiderativo; O=objeto; Rec=recente; Ref=reflexivo; Sa=sujeito intransitivo ativo):

a) y-aginum-po-li

1A3O-chorar-Caus-Rec 'Eu o fiz chorar'

b) Ø-or-eneng-li

3Sa-Ref-ver-Rec 'Ele se viu'

c) y-ak-tine pow

1A3O-comer-Des porco 'Eu quero comer porco'

⁵ A versão dos textos escritos que se encontram no livro *Ikpeng orempanpot* apresentam algumas diferenças, resultantes da adequação estilística realizada pelos professores Ikpeng. As versões aqui apresentadas correspondem a uma primeira versão dos textos escritos pelos respectivos autores Ikpeng.

⁶ A forma *ungno* é uma posposição experiencial que indica uma entidade que provoca medo no experienciador que, no texto, seriam os antepassados ou avós do narrador, *uktamru*.

⁷ As traduções para o português aqui apresentadas estão próximas das versões dadas pelos professores, com adaptações ortográficas mínimas que visam facilitar a leitura e o acesso aos conteúdos dos textos.